

CONEDU INSTITUTO FEDERAL DE CIÊNCIA E TECNOLOGIA: QUE CIÊNCIA É ESSA? A PERCEPÇÃO DOS GESTORES¹

Daniele Barbosa de Souza Almeida²
Adeline Araújo Carneiro Farias³
Alysson Cristian Rocha Souza⁴
Samuel Soares de Araújo⁵
Ygor Torres Rolemberg⁶
Iara Vanessa Mafra Bichara⁷

RESUMO

A missão do Instituto Federal de Sergipe é promover educação profissional, científica, técnica e tecnológica de qualidade através da articulação entre ensino, extensão, pesquisa aplicada e inovação para formação integral dos cidadãos. Nesta comunicação objetivamos analisar as percepções dos protagonistas do Campus Aracaju sobre a relevância da produção científica e as concepções de divulgação científica para comunidade local. Trata-se da apresentação de resultados parciais do projeto 111 ANOS DE HISTÓRIA DO IFS/CAMPUS ARACAJU: percepções dos protagonistas contemporâneos sobre o papel social da instituição, desenvolvido no campus Aracaju do Instituto Federal de Sergipe, através do Programa de Iniciação Científica/PIBIC - Ensino Médio, que foi aprovado no Edital N°. 06/2020/PROPEX/IFS/CNPq. A pesquisa é de natureza qualitativa aportada nas técnicas da História Oral. Ao longo da execução do projeto, gestores, docentes, técnicos administrativos, estudantes e egressos têm compartilhado vivências e impressões da instituição. Para fins desse estudo, concentrar-nos-emos nas percepções de três gestores acerca do fazer científico e da divulgação de ciência do e no campus. Os dados analisados foram coletados através de entrevistas semi-estruturadas, realizadas pessoal ou virtualmente, conforme conveniência do entrevistado. Para análise dos dados empregamos a técnica da análise de conteúdo e, em particular, a análise categorial voltada às temáticas. Como resultado preliminar foi constatado que os gestores veem a ciência como um importante fator para o despertar do pensamento crítico e reflexivo dos estudantes e acreditam que o fazer científico do Campus Aracaju contribui para formação de profissionais e cidadãos que atuarão na sociedade sergipana como impulsionadores do seu desenvolvimento.

Palavras-chave: Ciência. Divulgação Científica. IFS. Percepções. Gestores.

INTRODUÇÃO

Conhecer a percepção pública da Ciência e da Tecnologia é uma preocupação brasileira desde 1987. Neste ano, inspirado em pesquisas norte-americanas, o Conselho Nacional de

¹ Financiado pelo Programa de Iniciação Científica/PIBIC - Ensino Médio, aprovado no Edital N°. 06/2020/PROPEX/IFS/CNPq

² Doutoranda em Educação pela UNIT e Docente do Instituto Federal de Sergipe, almeida.daniele@gmail.com

³ Doutora e Docente do Instituto Federal de Sergipe, adeline.farias@ifs.edu.br

⁴ Mestre e Docente do Instituto Federal de Sergipe, alysson.souza@ifs.edu.br

⁵ Estudante do Curso Médio Integrado em Informática, samuelsoaresdearaujoestudante@gmail.com

⁶ Estudante do Curso Médio Integrado em Química, ygortorres69@gmail.com

⁷ Orientadora, Mestre em Letras e Docente do Instituto Federal de Sergipe, iara.bichara@ifs.edu.br

Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) entrevistou 2.892 brasileiros adultos, de níveis socioeconômicos diversos, acerca do seu interesse e acesso aos conhecimentos científicos produzidos no país. Descobriu-se que 71% dos entrevistados se interessavam pela ciência, mas demonstravam pouco conhecimento acerca da ciência e dos métodos científicos. Pesquisas da mesma natureza foram repetidas em 2006, com 2004 entrevistados; em 2010, com 2016 respondentes; em 2015, com 1962 participantes; e em 2019, com 2200 brasileiros.

Considerando que, dentre as finalidades de criação dos Institutos Federais, em 2008 estão (BRASIL, 2008):

V - constituir-se em centro de excelência na oferta do ensino de ciências, em geral, e de ciências aplicadas, em particular, estimulando o desenvolvimento de espírito crítico, voltado à investigação empírica; VI - qualificar-se como centro de referência no apoio à oferta do ensino de ciências nas instituições públicas de ensino, oferecendo capacitação técnica e atualização pedagógica aos docentes das redes públicas de ensino; VII - desenvolver programas de extensão e de divulgação científica e tecnológica; VIII - realizar e estimular a pesquisa aplicada, a produção cultural, o empreendedorismo, o cooperativismo e o desenvolvimento científico e tecnológico; IX - promover a produção, o desenvolvimento e a transferência de tecnologias sociais, notadamente as voltadas à preservação do meio ambiente.

pode-se afirmar que a criação dessas instituições foi uma política de estado voltada para minimizar os resultados obtidos de baixo conhecimento sobre a ciência e seus métodos.

Nessa esteira, o Instituto Federal de Sergipe abraça a missão de promover educação profissional, científica, técnica e tecnológica de qualidade através da articulação entre ensino, extensão, pesquisa aplicada e inovação para formação integral dos cidadãos. De Escola Técnica a Instituto Federal, o foco na articulação entre ensino, pesquisa e extensão se evidencia.

Através do projeto 111 ANOS DE HISTÓRIA DO IFS/CAMPUS ARACAJU: percepções dos protagonistas contemporâneos sobre o papel social da instituição, desenvolvido no *Campus Aracaju* do Instituto Federal de Sergipe, financiado pelo Programa de Iniciação Científica/PIBIC - Ensino Médio, aprovado no Edital N°. 06/2020/PROPEX/IFS/CNPq, buscamos avaliar a relevância que os atores que compõem a instituição atribuem às atividades de Ensino; às atividades Científicas; e ao papel social do Campus.

A pesquisa é de natureza qualitativa aportada nas técnicas da História Oral. Ao longo da execução do projeto, gestores, docentes, técnicos administrativos, estudantes e egressos têm compartilhado vivências e impressões da instituição através de entrevistas semi-estruturadas. Estas são realizadas presencial ou virtualmente, conforme conveniência do entrevistado, e são conduzidas por dois dos dez bolsistas do projeto, sempre na presença de pelo menos uma das orientadoras. Elas são gravadas e depois transcritas para análises.

Nesta comunicação fizemos dois recortes para apresentarmos alguns resultados parciais do projeto. Abordaremos as percepções de três **gestores** acerca do fazer e da divulgação **científica** do e no *campus*. Para análise dos dados empregaremos a técnica da análise de conteúdo e, em particular, a análise categorial voltada às temáticas. O referencial teórico para análise estará iluminado pelos conceitos de ciência, campo e agente de Bourdieu, bem como de divulgação científica de Chagas e Massarani.

Segue-se a essa seção introdutória uma seção denominada Ciência e Divulgação Científica: conceitos e reflexões preliminares sobre a gestão desses fazeres no *Campus Aracaju*, na qual apresentaremos as ideias principais de Bourdieu em Usos Sociais da Ciência (2004) e as concepções de Chagas e Massarani sobre divulgação científica, publicados em Manual de Sobrevivência para Divulgar Ciência e Saúde (2020); uma seção com apresentação e análise dos trechos das entrevistas, intitulada Com a palavra os gestores; e uma seção com algumas considerações sobre a importância da percepção dos gestores para o despertar da consciência crítico-científica na comunidade acadêmica do IFS/Campus Aracaju.

CIÊNCIA E DIVULGAÇÃO CIENTÍFICA: CONCEITOS E REFLEXÕES PRELIMINARES SOBRE A GESTÃO DESSES FAZERES NO CAMPUS ARACAJU

Em Usos Sociais da Ciência, Bourdieu (2004, p. 18), visa responder se “é possível fazer uma ciência da ciência, uma ciência social da produção da ciência, capaz de descrever e de orientar os usos sociais da ciência”. Considerando que este artigo visa avaliar a relevância que três gestores do *Campus Aracaju* atribuem às atividades científicas desenvolvidas pela Instituição da qual fazem parte, numa condição privilegiada, julgamos pertinente trazer alguns dos conceitos do supracitado sociólogo para enriquecer nossas análises.

Primeiramente, o autor discute a noção de campo como condição para uma reflexão combativa. Usando o exemplo da literatura, Bourdieu destaca que em todos os campos, há aqueles que defendem o campo pelo campo e os que defendem o campo em relação ao contexto social ou econômico. Na sua hipótese, entre a produção científica e o contexto social amplo, há um universo intermediário que ele chama de campo científico. Ou seja, o universo em que estão inseridos “os agentes e as instituições que produzem, reproduzem ou difundem [...] a ciência. Esse universo é um mundo social como os outros, mas que obedece a leis sociais mais ou menos específicas” (BOURDIEU, 1997, p. 20).

O IFS/*Campus* Aracaju é um universo em si mesmo, com regras e regulamentos próprios, ainda que atento às recomendações dos Ministérios da Educação e da Ciência, Tecnologia e aos anseios educacionais da comunidade da Grande Aracaju, para a qual oferta cursos de várias naturezas. Pode-se dizer assim, que o *Campus* é um campo relativamente autônomo das orientações dos ministérios e dos interesses da cidade em que está situado. Não pretendemos avaliar nesta pesquisa o grau de autonomia da instituição, porém, desejamos analisar a percepção dos gestores da relativa autonomia que gozam para orientar o fazer científico do *campus*. Ademais, buscaremos inferir se de acordo com seus depoimentos, o fazer científico do campus conserva ou transforma o seu entorno.

Outro conceito bourdieusiano que incorporamos nesta discussão é o de estrutura das relações objetivas, nas quais os agentes que se engajam em um campo tem um lugar de fala que vai além do conceito de classe marxista. Para Bourdieu (1997, p. 29) “é a posição que eles [os agentes] ocupam nessa estrutura que determina ou orienta, pelo menos negativamente, suas tomadas de posição”. Dentro de uma estrutura, o capital é distribuído entre os agentes que o constituem e as relações dentro do campo são impactadas pelo volume de capital que cada agente representa.

Nesse aspecto, pode-se dizer que as falas a serem analisadas neste texto são de agentes que possuem grande capital político e, portanto, infere-se que tem grande peso na dinâmica das relações do *Campus*, inclusive com autoridade para determinar o conjunto de questões que importam para a instituição, seja na orientação das áreas de concentração das pesquisas ou das regras institucionais que podem vigorar por um determinado período de tempo. Reconhecemos, por outro lado, que um único agente, ainda que na posição de gestor, não consegue impor por completo suas ideias a todo um campo. Há sempre que se considerar as resistências e oposições em qualquer situação. Mas frisamos que, dentro desse microcosmos, o seu alcance e acesso aos meios de produção e reprodução é superior que o da maioria de outros agentes, tais quais professores e estudantes, especialmente quando consideramos que o gestor possui o capital político e prestígio.

Ainda embasados no que preconiza Bourdieu, buscaremos analisar se as falas dos gestores entrevistados permitem inferir o que o autor sugere como boa prática para aqueles que tem a missão de avaliar a situação da pesquisa em uma instituição: a capacidade de serem eles, os gestores inovadores e

agir como descobridores capazes de favorecer pesquisadores atípicos, de animar e organizar empresas coletivas, elaborar os editais de maneira a ajudar os pesquisadores menos experientes a conciliar as demandas externas com as exigências internas, logo,

de se comportarem menos como executivos encarregados de sancionar do que como preparadores encarregados de estimular, assistir, apoiar, encorajar e organizar não só a pesquisa, mas também a formação (por programas de educação permanente e de interformação) e a circulação da informação científica (BOURDIEU, 1997, p. 64).

A circulação da informação científica é outro alvo da nossa análise. Visamos observar a relevância ou a menção de atividades de divulgação científica nas falas dos gestores, pois acreditamos que o potencial científico da instituição só pode ser reconhecido socialmente se esse tipo de informação é compartilhada por meios eficazes, especialmente em se tratando de uma instituição cuja finalidade maior é promover educação. Para esta direção, buscamos embasamento nos estudos de Catarina Chagas e Luísa Massarani.

Para essas autoras, “a comunicação pode ajudar a própria ciência, sensibilizando a sociedade e os tomadores de decisão sobre a sua importância social e para o desenvolvimento do país. Estreitar o diálogo pode, inclusive, ajudar na reivindicação de mais recursos financeiros para o setor” (CHAGAS, MASSARANI, 2020, p. 20).

No âmbito científico, a comunicação entre pares e até mesmo extra pares, ou seja, a comunicação entre cientistas, de uma mesma área ou de áreas diferentes, é uma prática naturalizada, inclusive porque esse tipo de comunicação, denominada de difusão científica, é uma das formas de obtenção de prestígio dentro de um campo.

Difunde-se ciência em veículos de comunicação tais quais periódicos, revistas, bancos de dados, sistemas de informação ligados aos centros de pesquisa e congressos. Entretanto, esse tipo de comunicação tem pouco alcance social, o que reforça os dados das pesquisas de que a população tem pouco acesso à ciência que ocorre hoje nas instituições brasileiras, pois muito do que é produzido circula apenas dentro de seus muros. Para piorar o cenário, há pesquisadores que optam por publicar ou participar apenas de eventos científicos internacionais, o que de certo modo restringe ainda mais a circulação do conhecimento científico para população geral em âmbito nacional.

Acerca desse quesito, é possível fazer um paralelo com o que acontece dentro de muitas instituições de ensino. É comum que colegas de trabalho que partilham a mesma coordenação, por exemplo, não conheçam as áreas de estudo, pesquisas e produtos uns dos outros, pois preferem difundir os resultados de sua ciência em eventos externos que por vezes garantem mais pontos no lattes ou prestígio no campo de estudo. Apesar disso, é possível dizer que a difusão da ciência é uma realidade no Brasil e até mesmo no IFS/Campus Aracaju.

O ritmo comunicacional diminui quando buscamos exemplos de circulação de informações científicas voltadas para o cidadão comum e que é denominada divulgação

científica. Cabe destacar que esse tipo de comunicação tem como característica, além de um público diferente, os não-cientistas, uma linguagem simplificada que favoreça a compreensão de todos.

De acordo com Chagas e Massarani (2020, p. 13),

A divulgação científica pode ser praticada de distintas formas, por meio de distintos mecanismos e veículos [...]. O/a cientista, como indivíduo, pode fazer divulgação científica com diferentes inserções: desde dar entrevistas à mídia (por meio de diferentes meios de comunicação de massa) e palestras para as quais é convidado/a até ações em que assume um papel mais protagonista, organizando eventos de rua, escrevendo artigos na mídia ou participando de redes sociais.

Segundo Carlos Vogt (2003), devemos objetivar a criação de uma cultura científica onde toda a sociedade participe. Ele propõe uma espiral da cultura científica na qual a divulgação científica é a única forma pela qual todo cidadão possa estar envolvido nos processos de produção, difusão, ensino e aprendizagem da ciência. Nesta espiral, os cientistas como destinadores e destinatários, produzem e difundem ciência; num segundo momento cientistas e professores destinam informação a estudantes de todos os níveis; num terceiro estágio, cientistas, professores e administradores de museus destinam ciência ao público jovem; e, na ponta da espiral, jornalistas e cientistas destinam informação científica para a sociedade como um todo.

Ou seja, a divulgação científica deveria ser um trabalho de todos, para tanto, os cientistas e, no caso do IFS/Campus Aracaju, professores-pesquisadores precisam estar atentos a necessidade de comunicar para iniciar esse movimento em espiral.. Segundo Chagas e Massarani, (2020, p. 9), “a divulgação científica faz bem a própria ciência e pode, inclusive, ser uma questão de sobrevivência da ciência de nosso país”. Assim, é de nosso interesse perceber se os temas de difusão e divulgação científica estão presentes nas falas dos gestores entrevistados.

Na literatura corrente, defende-se que vários atores e instituições podem agir como divulgadores científicos, desde que observados os requisitos de linguagem, veículos e espaços comunicativos democráticos, bem como retidão na simplificação da informação. Podem e devem ser divulgadores os próprios cientistas, jornalistas, docentes, escolas e museus. Nessa modalidade, os meios de comunicação em massa como jornais, revistas, rádio e TV podem ser bons aliados. As redes de comunicação online também.

É esperado que a ampliação dos polos de comunicação e a inclusão de novos atores como emissores gerem algumas falhas comunicacionais como as *fake news*, mas, ainda assim,

o surgimento de uma cultura científica em que todos falem e discutam ciência é um objetivo a ser alcançado.

Visando estimular nos cientistas e docentes essa atitude comunicativa, o CNPq incluiu no lattes, uma aba de divulgação, na qual podem ser registradas se o professor/pesquisador possui blog de ciência ou se divulga à mídia os resultados dos seus trabalhos; se profere palestras ou se participa de feiras de ciência. Observaremos se há na fala dos gestores entrevistados menções a participações nesse tipo de atividade e/ou estímulo por parte deles para que os pesquisadores do IFS/*Campus* Aracaju divulguem a ciência que produzem.

Bases teóricas postas, passemos a análise das falas dentro das temáticas do fazer e da divulgação científica, na tentativa de identificar (a) se os gestores percebem que o fazer científico do campus transforma a sua comunidade de entorno; (b) se os gestores entrevistados demonstram em suas falas atitudes de apoio a pesquisa, formação e circulação de conhecimento científico; e (c) se os gestores mencionam a importância da participação e da promoção de atividades de difusão e divulgação científica.

COM A PALAVRA: OS GESTORES

Antes de cada entrevista, conforme previsto pelo Registro de Consentimento Livre e Esclarecido do Comitê de Ética em Pesquisa do IFS, os gestores foram informados sobre os objetivos e a relevância do estudo e assinaram os Termos de Autorização de Uso de Imagem e Depoimento do Projeto 111 anos e do Memorial do IFS. Embora não esteja previsto em nenhum dos termos, usaremos nomes fictícios para os entrevistados, que doravante serão chamados de Vicência, Dumbledore e Minerva.

No bloco de perguntas sobre o fazer científico da instituição, os gestores responderam aos seguintes questionamentos: Em sua opinião, qual a contribuição dos atores sociais envolvidos na produção de conhecimento científico, enquanto Servidores técnicos, docentes, gestores e estudantes? Em sua opinião, qual a importância dos cursos integrados para a cidade de Aracaju, enquanto produtor Ciência? O que mais se destaca nos cursos integrados no que diz respeito à produção científica?

Após aceitarem o convite, todos os entrevistados recebiam os termos de esclarecimento e consentimento, bem como o roteiro completo da entrevista e eles podiam responder através de perguntas e respostas, bem como com discurso livre.

Buscamos por falas que nos permitissem avaliar especificidades do fazer científico que aproximasse o IFS do conceito de campo científico relativamente autônomo. Pudemos encontrar na fala de Vicência (pró-reitora da instituição), algumas características que diferenciam o IFS das universidades. De acordo com a gestora, algo apaixonante nos Institutos Federais, e que não acontece nas universidades que ela frequentou, é a possibilidade de todos, não só docentes, fazerem pesquisa, o que na sua opinião só contribui para superação dos desafios enfrentados pela sociedade:

não existe um perfil de pesquisador, por eu ser professor só eu que detenho esse poder de ser pesquisador? O instituto, ele trabalha com pesquisadores técnicos, professores e alunos. Essa junção desses atores contribui pro crescimento da ciência, e quem vai transformar, quem vai mudar, a sociedade, ela se constrói através de desafios. Então, a ciência, ela vem tentar resolver esses problemas, tentar resolver esses desafios impostos.

Ainda segundo Vicência, o *Campus Aracaju* possibilitou que ela vivenciasse experiências de mobilidade e disseminação científica que nenhuma outra instituição havia oportunizado ao longo da sua vida acadêmica:

ói, o instituto me proporcionou experiências dentro da educação que nenhuma outra instituição proporcionou, o *Campus Aracaju*, porque o recurso veio do campus Aracaju, que a universidade não me proporcionou em 9 anos como professora de mestrado e professora de graduação. Eu levei alunos de outros *campi*, porque foi uma seleção, alunos do *Campus Lagarto*, alunos do *Campus Aracaju*, também foram meus alunos, para o Chile, pra Portugal, pra Alemanha, pra apresentar trabalhos com tudo pago.

Nessa afirmação é possível inferir que a gestora considera relevante a participação de estudantes em eventos de disseminação científica, especialmente se em outros países. Mas focaremos neste item mais adiante.

Dumbledore, diretor de *campus*, também destaca os estudantes do Ensino Médio do IFS tem oportunidades relacionadas a ciência que estudantes de outras instituições não tem: “um exemplo disso: nós estamos com alunos do ensino médio integrado iniciando pesquisa, sendo alunos bolsistas de projetos de pesquisa, ou seja, a sua inserção no meio acadêmico se dá muito antes de qualquer outro aluno de qualquer outra instituição”.

As falas de Vicência e Dumbledore nos permitem afirmar que os gestores percebem o IFS/Campus Aracaju como um ambiente privilegiado no que diz respeito ao fazer científico. Para eles o IFS é um espaço em cuja estrutura tanto alunos como servidores técnicos administrativos têm possibilidades que não teriam em outras instituições. Eles podem ser agentes nos processos de produção de ciência.

Minerva, coordenadora de curso, não demonstra em sua fala nenhuma especificidade do campus em contraposição com outras instituições, porém traz uma fala relevante acerca da execução do tripé ensino, pesquisa e extensão, que é uma das missões da instituição e que também pode ser elencada como um *modus operandi* próprio do IFS. Na sua concepção:

No IFS, a gente conhece, no caso, o tripé da educação, onde a gente tem o ensino, pesquisa e extensão. Nós temos alguns professores que têm mais contato com pesquisa. A área de informática, se a gente for analisar os cursos, por exemplo, curso superior – mestrado e doutorado -, que tem uma ramificação grande, e a gente pode utilizar a informática para aplicações no dia a dia, no cotidiano, e a gente pode pensar nessas aplicações no futuro, nas descobertas. Por isso que acabam surgindo as pesquisas.

Fica implícita na sua fala que os docentes do curso de informática, especialmente os docentes do curso superior, utilizam seus saberes, juntamente com os saberes que os estudantes estão adquirindo, para pesquisas que contribuem para melhoria da qualidade do trabalho e de vida do cidadão comum. Através da sua fala pode-se afirmar que o IFS/*Campus* Aracaju apoia e se engaja não só em pesquisas aplicadas, como também incentiva a inovação tecnológica ao pensar em aplicações para o futuro, tudo isso numa imbricada relação entre ensino, pesquisa e extensão.

Segundo ela,

a importância científica no integrado é realmente mais forte do que no subsequente. Porque os alunos do integrado têm o contato tanto com os professores do ensino técnico quanto os professores das tantas outras áreas super importantes para o desenvolvimento geral do aluno. Tem pesquisas científicas no IFS que fazem com que o aluno entenda a dinâmica da pesquisa, entenda como o seu conhecimento pode ser entendido e desenvolvido em como você pode gerar mais conhecimento.

Aqui podemos ver também que há no IFS pesquisas científicas e pesquisas sociais da ciência, na medida em que alguns projetos focam na dinâmica e nos usos sociais da pesquisa também.

Nesse sentido, através das falas dos gestores avaliados, o IFS/*Campus* Aracaju surge como um campo científico com regras próprias que amplificam as possibilidades de inserção de agentes diversos no universo da ciência. Percebe-se também que as pesquisas realizadas são de várias áreas do conhecimento, umas voltadas para aplicações práticas, outras com reflexões de inovação para o futuro e outras ainda relacionadas ao próprio fazer científico e seus usos sociais.

Essas mesmas falas podem ser utilizadas para avaliarmos as percepções dos gestores acerca do fazer científico do IFS/*Campus* Aracaju como um fazer científico transformador, em contraponto a um fazer científico conservador. Nas entrelinhas das falas fica implícito o quanto

o IFS pode mudar a atuação dos indivíduos que fazem parte da instituição, e que uma vez que eles se tornam agentes do conhecimento e da produção científica que atuarão profissionalmente em suas comunidades, fica implícito que as atividades de pesquisa retornam para ampla comunidade, seja no aspecto atitudinal, seja na distribuição dos produtos gerados para sociedade.

Na sua entrevista, Minerva cita, por exemplo, que os trabalhos de TCC dos cursos de informática precisam estar centrados em clientes reais.

Os clientes reais podem ser um vizinho, um amigo, um professor de qualquer outra área. A gente leva inicialmente para essas pessoas entenderem a função do técnico de informática, ajudar a vida deles num certo desenvolvimento, já que a gente produz uma solução na vida das pessoas. Elas já têm as regras de negócios do mundo real, elas já têm as problemáticas e já solucionam de um jeito. A informática pretende auxiliar nisso, deixar mais rápido, mais seguro, mais agradável. A gente leva essa solução já para o cliente real. Então, por exemplo, atualmente, nós temos acho que 17 projetos. Se os 17 projetos tiverem clientes reais, então 17 pessoas ou empresas conhecem essa aplicação no mundo real.

Significa dizer que o fazer científico do campus está transformando a vida da comunidade, uma vez que propõe soluções automatizadas para os problemas que a comunidade apresenta.

De acordo com Dumbledore, a contribuição científica do campus quebra alguns paradigmas na medida que se aproxima de comunidades específicas:

Nós temos estreitado inclusive laços nesse processo de produção do conhecimento com comunidades específicas. Inclusive não são poucas as pesquisas e estreitamento de laços com quilombolas, com o movimento sem terra...enfim, com indígenas, tá? Porque é extremamente importante para o processo de construção do conhecimento científico. A gente precisa quebrar alguns paradigmas e isso tem sido muito bem demonstrado aqui em uma série de projetos que são operacionalizados do campus Aracaju.

Sabe-se que estreitar laços com comunidades tradicionais, definidas pela Política Nacional de Desenvolvimento Sustentável dos Povos e Comunidades Tradicionais como

grupos culturalmente diferenciados e que se reconhecem como tais, que possuem formas próprias de organização social, que ocupam e usam territórios e recursos naturais como condição para sua reprodução cultural, social, religiosa, ancestral e econômica, utilizando conhecimentos, inovações e práticas gerados e transmitidos pela tradição.

é trazer desenvolvimento social na medida em que as empodera, dando voz a suas reivindicações, promove diálogo entre comunidades, registra histórias com marcas históricas de apagamento e possibilita uma troca de saberes que traz muitos benefícios em seu bojo.

Trazendo a análise para percepção dos gestores enquanto agentes inovadores e apoiadores da pesquisa, concluímos através do depoimento de Vicência que a gestão do IFS reflete sobre possibilidades inovadoras de manter a pesquisa viva:

Eu lembro que [...] com esse alvoroço de pandemia, que a gente começou a pensar em pesquisa, [...] a gente pensou em fazer alguma coisa pra ajudar o estado. A primeira pergunta que veio das pessoas foram: “mas eu vou fazer como?”, “e quem é que vai ajudar?”, “e vai lançar um edital pra duas vagas?”, “e vai lançar um edital e ninguém vai querer se envolver?”. Os alunos já vão querer se envolver, então, vamos lançar!

Percebe-se também que as ações desenvolvidas pela gestão alcançam o prestígio da comunidade. Com todas as limitações e dificuldades de convívio social ocasionadas pela COVID-19, a demanda de participação no edital foi tão grande que as vagas precisaram e foram ampliadas:

E a gente lançou um edital e teve que ampliar pra dez vagas, porque foi uma procura tremenda, e aí, a gente viu o tanto de voluntário, porque não tinha bolsa, era sem bolsa. A gente só tinha recurso pra produzir material, pra doar e a gente viu professores e alunos, todos envolvidos, dispostos a ir, muitas vezes duas, três, quatro vezes no laboratório pra tá compartilhando o que a gente tem de mais precioso que é o nosso conhecimento. Então, esse processo, pra mim, é o maior exemplo que eu tive da valorização do que a instituição faz pra sociedade, o que a gente tá fazendo na vida desses meninos (VICÊNCIA).

Além disso, Vicência destaca que a colaboração para efetivação das pesquisas é uma prática da gestão do IFS como um todo:

Claro que tem que ter disponibilidade da gestão, tem que ter disponibilidade da direção, cansei de ligar para o diretor:
-Óí, tá chegando oito carros aqui de oito prefeituras, vão ter que entrar na garagem.
-Me manda o nome, me manda quem é, quem vem pegar, que a gente abre o portão e eles descem pra pegar o material.
Então, sem essa parceria que graças a Deus, eu tive com todos os campi, mas por a gente ter concentrado a produção em Aracaju e São Cristóvão, então, foram os campi que abriram as portas, realmente acreditam na ciência, porque eu sei que independente de pandemia, a gente sempre tem essa recepção do pessoal que tá a frente.

A única categoria cujas falas não foram tão presentes nas entrevistas foi a relevância das atividades de divulgação científica para comunidade. Talvez essa ausência de depoimentos se explique pelo fato de não termos incluído no nosso questionário uma pergunta específica para isso. Talvez essa seja uma lacuna que precisa ser melhor desenvolvida institucionalmente. Porém, para afirmarmos com mais certeza, seriam necessários outros aprofundamentos.

ALGUMAS CONCLUSÕES, ALEGRIAS E POSSIBILIDADES

Diante do exposto nas análises, conclui-se que os gestores entrevistados do IFS/*Campus* Aracaju não só se engajam nas atividades de pesquisa, como também ressaltam que a missão institucional de promover educação profissional, científica, técnica e tecnológica de qualidade através da articulação entre ensino, extensão, pesquisa aplicada e inovação para formação integral dos cidadãos se cumpre.

A gestão do IFS/*Campus* Aracaju também percebe e explora a relativa autonomia que goza para criar estruturas mais colaborativas e inovadoras da prática científica. Na sua concepção, o fazer científico do Campus transforma alunos e colaboradores, bem como contribui para melhoria de vida da sociedade mediante a formação de profissionais conhecedores e comprometidos com a ciência; a criação de produtos tecnológicos que solucionem problemas cotidianos da comunidade; reflexões sobre o futuro e usos e possibilidades da ciência.

Assim, afirmamos que os gestores do IFS/*Campus* Aracaju entrevistados fazem uso do seu capital político para apoiar diversas áreas de conhecimento; utilizam os meios de produção para criar soluções inovadoras em situações de crise e adquirem prestígio. Depreende-se, portanto, boas práticas no fazer científico.

Identificamos como possibilidades de futuros estudos e até mesmo de intervenção na estrutura atual a percepção e a prática de disseminação e divulgação científica do e no *Campus*. Mas acreditamos que o perfil encontrado acolheria essa necessidade, caso fosse necessário o apontamento, o que nos permite terminar essa análise com muita esperança de que a ciência vive no IFS/*Campus* Aracaju e que tem bastante potencial para alcançar prestígio externo.

REFERÊNCIAS

BRASIL. **Lei nº 11.892**, de 29 de dezembro de 2008. Institui a Rede Federal de Educação Profissional, Científica e Tecnológica, cria os Institutos Federais de Educação, Ciência e Tecnologia, e dá outras providências. Diário Oficial da União, Brasília, 30 dez. 2008a, Seção 1, p. 1.

BOURDIEU, P. **Os usos sociais da ciência**: por uma sociologia clínica do campo científico. São Paulo: Ed. da UNESP, 2004.

CHAGAS, Catarina; MASSARANI, Luisa. **Manual de sobrevivência para divulgar ciência e saúde**. Rio de Janeiro: Fiovrz, 2020.

VOGT, C. A espiral da cultura científica. **ComCiência**, jul. 2003. Disponível em: <http://www.comciencia.br/reportagens/cultura/cultura01.shtml> Acesso em: 23 ago. 2022.